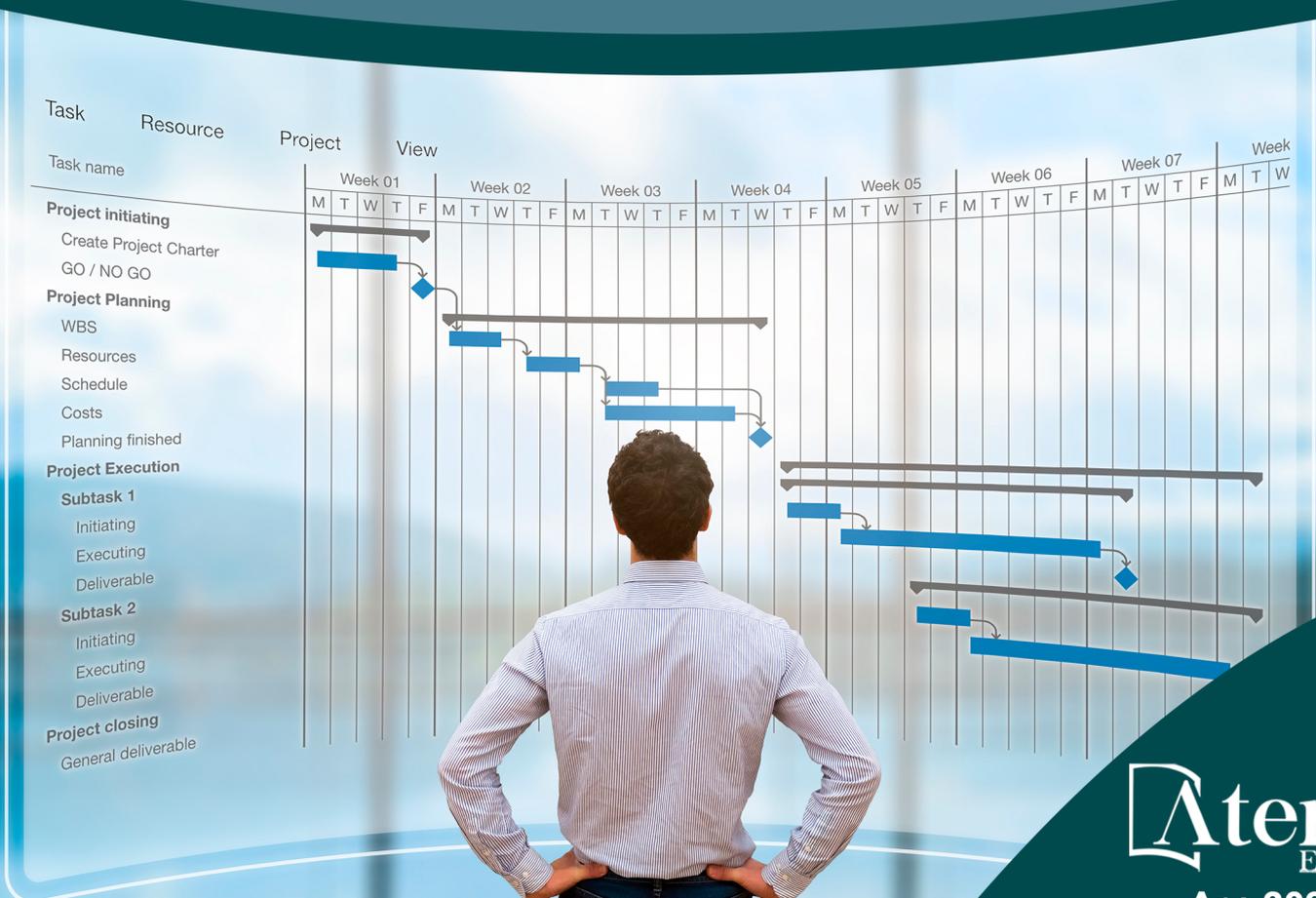


Grayce Kelly Bianconi
João Dallamuta
(Organizadores)

Inovação, Gestão Estratégica e Controladoria nas Organizações 3



Grayce Kelly Bianconi
João Dallamuta
(Organizadores)

Inovação, Gestão Estratégica e Controladoria nas Organizações 3



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Lorena Prestes

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
 Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
 Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
 Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
 Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
 Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Douglas Santos Mezacas -Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
 Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
 Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
 Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Me. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
 Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
 Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
 Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

158 Inovação, gestão estratégica e controladoria nas organizações 3
[recurso eletrônico] / Organizadores Grayce Kelly Bianconi, João
Dallamuta. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-52-2
 DOI 10.22533/at.ed.522201703

1. Controladoria. 2. Planejamento estratégico. I. Bianconi, Grayce Kelly. II. Dallamuta, João.

CDD 658.151

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Esta obra é composta por pesquisas realizadas por professores e alunos na área de gestão, todas elas selecionadas e ordenadas pelas suas contribuições genuínas e relevantes dentro dos temas propostos.

A visão ampla do gestor, além dos temas diretamente associados a seus negócios é fundamental para a sobrevivência neste ambiente mutante. Esperamos que a leitura dos trabalhos selecionados nesta obra gere reflexões e novas ideias nos leitores, razão de ser de nosso trabalho.

Os organizadores gostariam de agradecer aos autores e editores pelo espírito de parceria e confiança.

Boa leitura!

Grayce Kelly Bianconi

João Dallamuta

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO: DESAFIOS PARA ATUAIS E FUTUROS GESTORES	
Uriel Abe Contardi	
Bruno Brunelli	
Grayce Kelly Bianconi	
João Dallamuta	
DOI 10.22533/at.ed.5222017031	
CAPÍTULO 2	14
A GESTÃO DE PROCESSOS EM UMA EMPRESA DO RAMO ÓPTICO: UM ESTUDO DE CASO NUM LABORATÓRIO DE LENTES DO OESTE DE SANTA CATARINA	
Cleunice Zanella	
DOI 10.22533/at.ed.5222017032	
CAPÍTULO 3	27
INTELIGÊNCIA EM REDE: A MELHORIA DO PROCESSO DECISÓRIO A PARTIR DA ATUAÇÃO EM REDE	
Ricardo de Assis Teixeira	
Danitza Passamai Rojas Buvinich	
DOI 10.22533/at.ed.5222017033	
CAPÍTULO 4	44
PERFIL E POTENCIAL EMPREENDEDOR DE ALUNOS INGRESSANTES DE UMA INSTITUIÇÃO FEDERAL	
Fabiano Palhares Galão	
Marcia Cristina Alves	
Maria Gabriela Menezes	
Rubem Gabriel M. da Costa	
João Dallamuta	
DOI 10.22533/at.ed.5222017034	
CAPÍTULO 5	58
O RELATO DE CERTEAU: QUE FERRAMENTA É ESSA?	
Adriana Bastos Da Costa	
Franciely Chropacz	
Rafael Carvalho Machado	
DOI 10.22533/at.ed.5222017035	
CAPÍTULO 6	65
A RELAÇÃO ENTRE INOVAÇÃO FRUGAL E SUSTENTABILIDADE: REVISÃO DE LITERATURA NA PERSPECTIVA DO TRIPLE BOTTOM LINE	
Andriele Pinto de Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.5222017036	
CAPÍTULO 7	79
ASPECTOS INTRÍNSECOS A SEREM CONSIDERADOS NO RELATÓRIO FINAL DE AUDITORIA INDEPENDENTE DA INFORMAÇÃO CONTÁBIL HISTÓRICA	
Romeu Schvarz Sobrinho	
DOI 10.22533/at.ed.5222017037	

CAPÍTULO 8	94
LA URGENCIA DE PERSPECTIVAS PLURALES EN LOS ESTUDIOS SOCIALES Y ORGANIZACIONALES	
Edgar Varela Barrios	
Ernesto José Piedrahita	
DOI 10.22533/at.ed.5222017038	
CAPÍTULO 9	107
A BARREIRA ENTRE GAYS E MERCADO DE TRABALHO: UM ESTUDO SOBRE A DISCRIMINAÇÃO DE HOMENS GAYS NO SETOR DE TELECOMUNICAÇÕES	
Diogo Barros Azevedo	
Luiz Eduardo Pereira Batista	
Luiz Bruno de Bom da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.5222017039	
CAPÍTULO 10	121
O TRABALHO ESCRAVO CONTEMPORÂNEO COMO PRÁTICA DE GESTÃO NO BRASIL A PARTIR DA ANÁLISE DO CONTEXTO REGULATÓRIO	
Herena Neves Maues Correa de Melo	
Reginaldo da Motta Correa de Melo Junior	
Luciana Rodrigues Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.52220170310	
CAPÍTULO 11	137
ORGANIZACIONES, PODER Y CULTURAS POSMODERNAS	
Edgar Varela Barrios	
Ernesto José Piedrahita	
DOI 10.22533/at.ed.52220170311	
SOBRE OS ORGANIZADORES	153
ÍNDICE REMISSIVO	154

O RELATO DE CERTEAU: QUE FERRAMENTA É ESSA?

Data de aceite: 11/03/2020

Adriana Bastos Da Costa
Franciely Chropacz
Rafael Carvalho Machado

Em sua principal obra, Certeau(1994) propõe explicar práticas cotidianas por meio da criação realizada por cada indivíduo no seu dia-a-dia. Rica na descrição do papel do consumo como atividade de criação e não como atividade passiva, ele trata das práticas cotidianas realizadas pelo homem ordinário. Certeau vê nas *maneiras de fazer e falar* uma maneira de investigar o cotidiano. Tratando do lugar onde ocorrem os fatos linguísticos do cotidiano, sua teoria reposiciona a pesquisa social na linguagem ordinária.

Apesar dessa orientação epistemológica, não há clareza nos procedimentos de análise desses relatos. Tomar a oralidade e o relato como meio de compreender as práticas cotidianas nos causou a curiosidade de entendê-los como técnica de pesquisa, o que motivou a escrita deste resumo estendido. O objetivo é entender a natureza do relato em sua dimensão onto-epistemológica.

A teoria de Certeau descreve a vida que passa e vai acontecendo, sem acumular

evidências, um “patchwork do cotidiano” composto por uma proliferação de histórias. Já discutimos em outro momento como a teoria proposta por Certeau tem contribuído para os estudos organizacionais. Identificamos três formas importantes: ampliando o alcance deles, ao dar voz a organizações e indivíduos deixados de lado pelos estudos do campo; criando uma estrutura analítica para compreensão de fenômenos de mudança; e contribuindo para a compreensão das práticas sociais em relação a dominação de uma ordem social (MACHADO; CHROPACZ; BULGACOV, 2019). Acreditamos, contudo, que a utilização da epistemologia de Certeau ainda não compreende profundamente alguns conceitos propostos pelo filósofo, especialmente a natureza e a forma de análise do relato. Não nos propomos a apresentar uma explicação definitiva, mas construímos uma hipótese de que o relato é uma narrativa resistindo a um discurso social dominante.

Para tanto, nosso primeiro passo é entender o que é o relato proposto por Certeau. Em seguida, refletimos sobre a natureza ontológica do homem narrador, para, então, finalmente relacionar o relato com o discurso.

O RELATO DE CERTEAU

Como cientista das práticas cotidianas,

Certeau (1994) investiga táticas que são empregadas pelos homens ordinários em seu consumo. Por táticas ele entende “um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade invisível” (p. 45). Elas dependem de uma ocasião (p. 46) e são calculadas (p. 94) conforme as ocorrências vão se sucedendo. O homem que as executa é ordinário: o consumidor da cultura social, usuário por ela dominados e que cria para tornar essa cultura inteligível e palatável. Isto revela que, embora dominados, os consumidores não podem ser confundidos com indivíduos passíveis ou dóceis (p. 39 e 90).

A identificação e estudo dessas táticas cotidianas, no entanto, não é simples. Enquanto as estratégias - outro modo de ação descrito por Certeau - são realizadas em espaços claros, com resultados acumulados, visíveis e permanentes, as táticas são ações que “só tem por lugar o do outro” e vigiando para “captar no voo” possibilidades de ganho (p. 45). Elas são invisíveis, dependentes das ocasiões que se prestam a sua ocorrência.

Em busca de uma forma de investigar essas táticas, Certeau propõe que as *maneiras de falar* permitem conhecer as *maneiras de fazer* do cotidiano. A oralidade, deixada de lado do discurso científico, deve ser repensada para a ciência social.

O estudo da linguagem ordinária faz mudar o campo de pesquisa, que sai dos ambientes institucionais e vai para a linguagem ordinária. Nessa perspectiva, linguagem deve ser entendida como “um conjunto de práticas onde a própria pessoa do analisador se acha implicada e pelas quais a prosa do mundo opera” (p. 68). Ela dá dimensão à vida, ao cotidiano.

A narrativização das práticas é apresentada como uma maneira de fazer textual, com procedimentos e táticas próprias. “Se se afirma que essa ‘arte’ só pode ser praticada e fora de seu exercício não se dá enunciado, a linguagem deve ser então a sua prática. (...) se a própria arte de dizer é uma arte de fazer e uma arte de pensar, pode ser ao mesmo tempo a prática e a teoria dessa arte” (p. 68). O relato instaura uma caminhada, permite ir através. É pelo relato das vítimas que a polícia instaura um inquérito policial e apura o crime. Ele cria um movimento. O relato do homem cotidiano é a tática em frente ao pesquisador.

Aqui está a contribuição de Certeau para a compreensão das práticas. Sua teoria identifica um espaço de criação fértil para o estudo desse tipo de comportamento que não deixa rastros: a oralidade é um espaço que materializa a tática. Falar é um espaço que permite que se crie e, portanto, uma ocasião para o desenrolar tático. Assim, Certeau vê o relato como uma epistemologia adequada para a compreensão das práticas sociais.

A expressão falada cotidianamente inclui figuras de linguagem, como a sinédoque e o assíndeto (CERTEAU, 1994, p. 167). São duas figuras de linguagem - o emprego parcial do significado de uma palavra ou supressão de termos de ligação - que apontam manifestações do inconsciente, longe de sugerir uma análise estrutural da oralidade, refletem simbologias que traduzem as maneiras de falar e fazer, enquanto ampliam os

processos comunicativos dos consumidores.

Falar é “o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio [espaço]” (p. 170). É uma luta de significados que ocorre numa areia movediça em que as palavras vão sofrendo um desgaste ao longo do tempo, adaptando-se às movimentações sociais, ao reemprego estabelecido. A narração é resistência a ordem social, mas que dela não escapa. São táticas, que não pretendem acumular espaço (GOUVEIA; ICHIKAWA, 2015), mas apenas tornar o mundo mais palatável.

Sua posição epistemológica aproxima-se do construcionismo (SILVA; CARRIERI; SOUZA, 2012), concepção na qual o mundo é construído pela rede de sentidos que os indivíduos dão a ele. Essa interpretação rompe com uma racionalidade de um mundo dado e objetivo, em prol de um mundo construído pela experiência dos indivíduos, evidente no relato do homem ordinário narrador que o cria. Mas qual a natureza do homem que narra? Para explorar essas questões, a seção seguinte trata do paradigma do homem narrador como ontologia do social.

O HOMEM NARRADOR

Homens são contadores de histórias e tomam decisões baseados em “boas razões”, não em verdades. O mundo do homem narrador é um conjunto de histórias, das quais devemos escolher aquelas que acreditamos num processo contínuo de recriação (FISCHER, 1987).

A racionalidade científica, subjacente a epistemologia tradicional da ciência, não concordaria com essa afirmação. Ela parte do princípio que a realidade humana é constituída por entidades discretas e distintas. Nela, a lógica de ação é determinada pela relação entre sujeito e objeto (SANDBERG, TSOUKAS, 2011). Essa concepção não deixa espaço para a realidade subjetiva construída pelo homem narrativo e para as histórias que se contam, pois interessa descobrir quais são as entidades do mundo.

A reflexão proposta por Czarniawska (2004) aponta um ponto frágil dessa concepção: embora a ciência despreze a retórica como modo de conhecimento, ela própria depende de narrativas para legitimação. A narração organiza a experiência humana - assumindo a intencionalidade da ação humana - que é, portanto, experiência retórica, fundamental para a construção do conhecimento social (FISCHER, 1987). Daí o interesse na análise de narrativas para as ciências sociais e humanas (BAKHTIN, 1981; GREIMAS, 1987; PROPP, 1968; RICOEUR, 1983).

Entendemos experiência retórica como uma transação simbólica e sobre a realidade social. Esta experiência é produtora do conhecimento social, ou seja, “concepções de relações simbólicas entre problemas, pessoas, interesses e ações, que implicam (quando aceitas) certas noções de comportamento público preferível” (FISCHER, 1987, p. 16). A retórica é mais que uma concepção epistemológica, mas uma experiência fundamentalmente ontológica. A narração e seus enredos criam e reproduzem o mundo social.

A retórica do homem narrador não deve ser vista como uma forma de discurso em seu sentido filosófico, mas como uma função simbólica de indução do significado: “onde quer que haja persuasão, há retórica, e onde quer que haja significado há persuasão” (FISCHER, 1987, p.18). No mesmo sentido, Bruner (1991) ressalta o papel da narratividade na construção da realidade social, pois “o desenvolvimento do conhecimento da ‘realidade’ (...) não é nem unilinear, estritamente derivacional num sentido lógico, nem ocorre, como se pensava, ‘a partir de uma tábula rasa’” (p. 2). O próprio conhecimento científico que tenta se diferenciar do conhecimento narrativo (CZARNIAWSKA, 1995) depende dele para se legitimar e paga a narratividade com uma moeda muito baixa por esse papel (CZARNIAWSKA, 2004), atribuindo a retórica a um conhecimento de “pensadores mal treinados” (FISCHER, 1987).

Nesse contexto, Fischer propõe um paradigma de homem alternativo às concepções de *homo faber*, *homo economicus*, *homo politicus* e *homo sociolocus*, entre tantas metáforas da realidade humana desenvolvidas: o *homo narrans*. Esse paradigma não vê o homem como “atores desempenhando funções restringidas ou determinadas por scripts fornecidos por instituições”, mas “como contadores de histórias, autores e coautores que criativamente leem e avaliam os textos da vida” (FISCHER, 1987, p. 23). Os homens são animais que usam símbolos, criados e transmitidos através da conversa e das histórias. O paradigma do *homo narrans*, é coerente com a visão de Heidegger de que o homem é a conversação, que dá suporte para sua existência (FISCHER, 1987, p. 63). Nele, é a identificação que explica como as pessoas adotam histórias. A racionalidade é narrativa, uma “lógica” intrínseca à própria ideia de narratividade. Os princípios de coerência e fidelidade são os pontos essenciais da ação humana.

Podemos resumir a lógica do paradigma narrativo a um homem contador de histórias em essência, as quais criam “boas razões” para a ação humana, conforme as situações da experiência. As “boas razões” são resultados de questões da história, biografia, cultura e caráter. A concepção de racionalidade do paradigma narrativo é determinada pela natureza das pessoas: a coerência da história, aliada ao hábito constante de testar a fidelidade narrativa, independentemente de as histórias que eles experimentam serem verdadeiras. Dessa forma, o mundo é um conjunto de histórias que devem ser escolhidas entre nós para vivermos vida em um processo de recriação contínua (FISCHER, 1987, p. 64).

Com esta lógica de ação, Fischer apresenta uma possível resposta para a pergunta “o que acontece quando algo é escrito ou dito?” (FISCHER, 1987, p. 6). Enquanto sua resposta é que há a criação de um mundo de histórias pelo homem, Certeau vê com mais detalhe a arte de falar: o binômio escrita/leitura é a produção/consumo desse mundo em que o homem é narrador. Para Certeau (1994), a escolha das histórias vividas é um processo de disputa por credibilidade, em que a citação é “a arma absoluta do fazer crer. (...) Citar o outro a seu favor é portanto dar credibilidade aos simulacros produzidos num lugar particular” (p. 263). O relato não é apenas uma

criação autônoma de mundo do indivíduo que vive, mas um processo de persuasão constante, uma disputa pela verdade narrativa. A racionalidade científica representa claramente esse processo de legitimação de uma história, por uma espécie de “autocitação perpétua” que confere “realidade ao simulacro produzido por um poder, induzindo a crer que outros acreditem nele, mas sem fornecer nenhum objeto crível” (CERTEAU, 1994, p. 263). É nesse sentido que Certeau aponta que há um processo que converte competência em autoridade em que “reconhecido como científico, seu discurso não passava da linguagem ordinária dos jogos táticos entre poderes econômicos e autoridades simbólicas” (p. 64).

O pensamento de um homem que narra proposto por Fischer como ontologia e a concepção do relato de Certeau como epistemologia nos parecem então complementares. Contudo, destacamos uma diferença importante: enquanto aquele entende o impulso narrativo em suas formas orais e escritas, este se preocupa com o relato oral, uma vez que é essa a ocasião que revela a tática. Entendemos que o homem contador de histórias o faz de forma escrita e oral, mas é nessa última forma de narratividade que se permite a resistência a uma ordem social dominante. O homem narrador não é livre em suas escolhas de histórias vividas. Onde, então, estão os limites de sua oralidade? Para explorar essa questão, a seção a seguir trata do espaço onde que se constrói a narrativa: o discurso.

O DISCURSO E O DOMÍNIO SOBRE A ORALIDADE

Cientes da longa discussão da polissemia do termo “discurso” (LARA, VIZEU, 2019) pretende-se, discutir o domínio sobre a oralidade, não definir o que é o discurso. O próprio Certeau nos dá uma pista do que domina a oralidade ao criticar Foucault: Foucault teoriza sobre os mecanismos de dominação da ordem social e Certeau afirma que sua teoria deixa escapar a resistência com o argumento de que se há dominação deve haver resistência. Se não houvesse, não seria necessário o dispositivo de dominação (CERTEAU, 1994).

O discurso é também uma construção social (FOUCAULT, 1970). Seu foco, contudo é voltado para o poder gerado pelo discurso, que “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (p.10). E ainda reforça este conceito dizendo, “suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (p.8). No mesmo sentido, Fairclough (2001) toma “o termo ‘discurso’ (...) como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais” (p.90). É uma construção social que busca o poder.

O discurso, no paradigma narrativo, é um tipo peculiar de história pois ele “é

uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2001, p.91). Tanto a narrativa quanto o discurso tem papel de representar a realidade e lhe dar sentido do tempo passado e do presente da comunidade (SILVA, 2007). Ele pode ser citado, no sentido que Certeau apresenta do termo, pois “o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença” (FAIRCLOUGH, 2001, p.91). Isso se aproxima do que Certeau chamaria de “arte de moldar percursos” (CERTEAU, 1994, p. 166), pois as falas determinam trajetórias ou se adaptam conforme os jogos vão sendo realizados nesta partida. Há uma diferença de natureza entre esses dois tipos de história: o relato e o discurso.

CONCLUSÕES

Relato não pode ser confundido com discurso, uma vez que nossa reflexão nos leva a compreender discurso como uma espécie de história privilegiada na experiência narrativa de um homem narrativo. O discurso parece ser uma instância de narração diferente do relato, pois ele organiza um sistema de conhecimento e de crenças.

Nossa hipótese é de que discurso, tal como proposto por Foucault (1970) é um campo de sentido dentro do qual se produz o relato. Assim, o relato é uma resistência à ordem discursiva, de forma que a tática da maneira de fazer fica evidente pela escolha do encadeamento de palavras e da cronologia da narrativa. De fato, tanto as análises estruturalistas quanto pós-estruturalistas consideram que a narrativa tem entre suas características a diacronicidade de eventos (BRUNER, 1991; CZARNIAWSKA, 1995; BOJE, 2001; VAARA, SONENSHEIN, BOJE, 2016). Sustenta a nossa hipótese uma contra-argumentação idêntica à crítica de Certeau à Foucault: de nada adianta a resistência das táticas sem a dominação de um discurso.

Longe de concluir que é o discurso que domina a narração, apresentamos uma hipótese a ser discutida. Se o discurso é uma construção social que traz em si poder e dominação, podemos entender o relato como forma de resistência dos dominados? A contribuição deste trabalho está na discussão da relação do relato com o discurso, buscando esclarecer termos que por vezes se confundem nos estudos organizacionais. Compreender melhor o que é o relato de Certeau na observação de práticas invisíveis realizadas pelos consumidores pode esclarecer como a oralidade pode contribuir para os estudos organizacionais, especialmente os baseados em práticas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (1981). *The dialogic imagination. Four essays by MM Bakhtin*. Austin, TX: University of Texas Press.

BOJE, D. M. **Narrative Methods for Organizational & Communication Research**. London: Sage Publications, 2001.

- BRUNER, J. A construção narrativa da Realidade. **Critical Inquiry**, v. 18, n. 1, p. 1–21, 1991.
- CERTEAU, M. De. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 17a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.
- CZARNIAWSKA, B. Narration or Science? Collapsing the Division in Organization Studies. **Organization Studies**, v. 2, n. 1, p. 11–33, 1995.
- CZARNIAWSKA, B. **A Narrative Approach to Organization Studies**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1998.
- CZARNIAWSKA, B. **Narratives in Social Science Research**. 2004.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. 2001. Editora UnB.
- FISHER, W. R. **Human Communication as narration: Toward a Philosophy of Reason, Value and Action**. Columbia: University of South Carolina, 1987.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. 1970. Edições Loyola.
- GREIMAS, A. (1987). **On meaning**. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- GOUVÊA, J. B.; ICHIKAWA, E. Y. Alienação E Resistência : Um Estudo Sobre O Cotidiano Cooperativo Em Uma Do Paraná. **Revista Gestão & Conexões**, v. 4, n. 1, p.68–90, 2015.
- LARA, L. G. A. DE; VIZEU, F. Mas Afinal, O Que É um “Discurso” em Uma Análise? Reflexões sobre análises de discurso críticas no campo de estudos organizacionais. EnEO. **Anais...** . p.10, 2019. Fortaleza.
- MACHADO, R. C.; CHROPACZ, F.; BULGACOV, Y. L. M. Epistemologia de Certeau e sua contribuição para os estudos baseados em práticas. EnEO. **Anais...** . p. 10, 2019. Fortaleza.
- RICOEUR, P. (1983). **Time and narrative**. Trans. K McLaughlin and D. Pellauer. Chicago: University of Chicago Press.
- PROPP, V. (1968). **Morphology of the folktale**. Austin: University of Texas Press.
- OLIVEIRA, M. A notícia como narrativa e discurso. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, p. 1–16, 2007.
- SILVA, A. R. L. DA; CARRIERI, A. DE P.; SOUZA, E. M. DE. A constructionist approach for the study of strategy as social practice. **BAR - Brazilian Administration Review**, v. 9, Special Issue, p. 1–18, 2012.
- VAARA, E.; SONENSHEIN, S.; BOJE, D. Narratives as Sources of Stability and Change in Organizations: Approaches and Directions for Future Research. **Academy of Management Annals**, jan/2016. Routledge.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agronegócio 121, 124, 125, 153

Auditoria 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93

Auditoria financeira 79, 81

Auditoria independente 79, 80, 81, 82

C

Captura regulatória 121, 126, 127, 128, 129, 132, 134

D

Decisão 15, 24, 27, 28, 29, 30, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41

Direitos humanos 121, 124, 125, 126, 129, 134, 135, 136

Divisão Sexual do Trabalho 107, 113, 118, 120

E

Empreendedorismo 12, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 65, 69, 73

Escuelas 94, 95, 99, 100, 101, 102, 104

G

Gestão 1, 2, 3, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 44, 49, 56, 57, 64, 65, 67, 75, 76, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 126, 134, 153

Gestão da informação 27, 29, 30, 31, 32, 35, 36, 42, 43

Gestão de processos 14, 15, 24, 26

Gestão do conhecimento 27, 30, 31, 35, 36, 37, 38, 41, 43

Gestão pública 121, 123, 124, 126, 134

H

Habermas 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106

Homossexualidade 107, 114, 116, 120

I

Inovação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 24, 26, 28, 31, 42, 47, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 153

Inovação frugal 65, 66, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 78

Inteligência 5, 27, 28, 29, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 153

L

Luhmann 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 140, 151

M

Management 2, 12, 14, 27, 28, 31, 42, 43, 45, 64, 65, 70, 71, 72, 76, 77, 78, 96, 106, 119, 122, 137, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149

Masculinidade hegemônica 107

N

Normas de auditoria 79, 84, 88

O

Organizacional 6, 27, 28, 29, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 49, 57, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 119, 125, 137, 138, 142, 143, 147, 148

Organizaciones 42, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 137, 141, 142, 148, 149, 150

P

Padronização de processos 14, 15, 17

Perfil empreendedor 44, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 57

Pluralidad 95, 97

Poder 32, 62, 63, 106, 125, 127, 134, 137, 138, 139, 141, 144, 145, 148, 150, 151, 152

Posmodernidad 102, 103, 104, 106, 137

Potencial empreendedor 44, 46, 48, 50, 52, 56, 57

R

Redução de perdas 14, 16

Relatório final 79, 80, 81, 82, 85, 86, 93

S

Sustentabilidade 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77

T

Tecnologia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 33, 39, 40, 43, 68, 153

Trabalho escravo 121, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136

Triple Bottom Line 65, 67

 **Atena**
Editora

2 0 2 0